



UPS na era da IA: sem energia inteligente, não existe IA confiável

Aluízio Ábdom (*)

Enquanto o debate sobre inteligência artificial gira em torno de modelos, algoritmos, GPUs e dados, uma pergunta essencial ainda recebe pouca atenção: até que ponto uma estratégia de IA pode ser confiável quando depende de uma base energética vulnerável? Mesmo o modelo mais avançado deixa de ser inteligente sem uma infraestrutura capaz de mantê-lo em operação. Essa dimensão física segue fora dos holofotes, por mais que a tecnologia já ocupe um lugar concreto nas empresas, orientando decisões, automatizando processos, acelerando análises, personalizando serviços e sustentando aplicações que precisam responder em tempo real. Para funcionar de forma contínua, a IA depende de data centers, servidores, sistemas de climatização, conectividade, baterias, engenharia e, principalmente, energia limpa, gerenciável e resiliente.

Essa dependência altera a forma como o mercado precisa encarar a disponibilidade energética. Durante muito tempo, o UPS (Uninterruptible Power Supply) foi tratado como um equipamento de suporte, lembrado principalmente em falhas elétricas, expansões de data centers ou auditorias de continuidade. A expansão das aplicações inteligentes mudou esse cenário. Sistemas baseados em IA exigem processamento intensivo, baixa latência, escalabilidade e operação previsível. Qualquer instabilidade pode afetar modelos em treinamento, comprometer transações automatizadas, interromper serviços críticos ou gerar perdas relevantes. Por isso, o UPS ocupa hoje um papel estratégico na confiabilidade das operações digitais.

A explosão de soluções baseadas em IA também elevou a energia ao status de variável de performance. Um projeto não pode ser avaliado somente por capacidade computacional, volume de dados, velocidade de processamento ou quantidade de GPUs. É preciso considerar qualidade elétrica, autonomia, redundância, eficiência, saúde das baterias, modularidade da arquitetura e monitoramento remoto. Uma infraestrutura sofisticada, mas vulnerável a oscilações, carrega um risco estrutural. Nesse sentido, o UPS moderno atua como uma camada inteligente de governança energética, com capacidade para monitorar variáveis críticas, antecipar riscos, apoiar manutenção preditiva e adaptar-se dinamicamente às cargas sensíveis.

Com isso, a sustentabilidade ganha outro peso nessa discussão. O crescimento da IA aumenta a demanda por energia elétrica e pressiona redes, data centers e sistemas de climatização. Falar em inovação sem considerar esse impacto significa ignorar parte essencial da equação. Sustentabilidade energética envolve compra de energia renovável, mas vai além disso. Exige redução de perdas, maior eficiência operacional, prolongamento da vida útil dos ativos, integração de fontes renováveis quando tecnicamente viável e adoção de

tecnologias de alta performance que evitem desperdícios. Quanto mais a IA avança, mais relevante se torna avaliar se a infraestrutura que sustenta essa inteligência também é eficiente, resiliente e responsável.

Nesse quesito, o UPS ganha importância justamente por atuar nos bastidores dessa resposta. Equipamentos modernos já incorporam inteligência embarcada, recursos de monitoramento remoto, diagnósticos avançados e maior capacidade de adaptação a diferentes perfis de carga. Em ambientes críticos, essa evolução permite decisões rápidas, intervenções precisas e uma operação mais previsível. A disponibilidade passa a ser construída com dados, planejamento e acompanhamento contínuo, em vez de depender somente da reação a incidentes. Em outras palavras, a energia que sustenta a IA também precisa ser inteligente.

Ainda assim, infraestrutura não resolve todo o desafio. A complexidade dos ambientes críticos exige equipes preparadas para operar, interpretar e manter sistemas cada vez mais integrados. A era da IA demanda profissionais capazes de transitar entre elétrica, automação, dados, conectividade, segurança, manutenção e softwares ampliam a visibilidade sobre a operação, mas são as pessoas que transformam sinais em decisões. A formação de talentos torna-se uma camada essencial de resiliência, porque a diferença entre uma falha controlada e uma interrupção grave muitas vezes estará na capacidade técnica de quem acompanha a infraestrutura.

Essa combinação de tecnologia, eficiência, confiabilidade e qualificação também reposiciona o papel dos fornecedores. O mercado busca parceiros capazes de compreender a missão crítica de forma ampla, e não somente entregar equipamentos robustos. Projetos de energia para IA exigem visão sistêmica, escalabilidade, modularidade, manutenção especializada, integração com estratégias de sustentabilidade e compromisso com continuidade operacional. Por isso, a conversa sobre energia ganha relação direta com competitividade, reputação e capacidade de crescimento.

Diante desse cenário, o mercado brasileiro de energia ininterrupta tem uma responsabilidade estratégica na sustentação da economia digital. Ambientes que não podem parar exigem soluções robustas, modulares e inteligentes, capazes de acompanhar o ritmo da IA e das operações críticas. UPS, monitoramento remoto, eficiência energética e continuidade operacional deixam de ser apenas temas técnicos e entram no centro de uma discussão maior para garantir energia confiável em uma economia cada vez mais automatizada, conectada e dependente de processamento intensivo.

(*) Diretor Comercial e de Marketing da Engetron.

Na era da IA, avanços tecnológicos exigem equilíbrio entre automação e desenvolvimento humano

Antes da computação em nuvem, as revisões financeiras e as análises estratégicas dependiam de planilhas armazenadas localmente. Nesse cenário, a perda de um arquivo poderia significar semanas de retrabalho

Cleyton Leal (*)

Com o passar dos anos e os avanços tecnológicos, a promessa de produtividade, eficiência operacional e redução de custos se tornou um ponto fundamental, sempre acompanhada por debates sobre os impactos dessa mudança na força de trabalho.

Da implementação de ERPs e CRMs aos sistemas de BI e RPA, toda transformação digital gerou preocupações relacionadas à obsolescência de funções e, ao mesmo tempo, abriu espaço para novas especializações e oportunidades profissionais. Porém, a chegada da Inteligência Artificial (IA) acelerou ainda mais esse movimento, com a automação podendo atingir 34% das tarefas corporativas até 2030, segundo o relatório The Future of Jobs Report 2025, do World Economic Forum (WEF).

Dentro deste contexto, o avanço da produtividade é inevitável, mas o impacto sobre o mercado de trabalho também é significativo, uma vez que, além da redução das atividades operacionais, cresce a demanda por profissionais capazes de implementar, gerenciar e supervisionar sistemas inteligentes. Assim, não basta investir em tecnologia sem contar com mão de obra qualificada para implementá-la e operá-la.

Escassez de qualificação com avanços tecnológicos

A necessidade de automatizar processos cresce justamente em um momento em que, ainda de acordo com o WEF, o mercado enfrenta escassez de mão de obra especializada. O relatório afirma que 63% das empresas dizem que a falta de qualificação é um dos principais obstáculos para inovação, transformação digital e demais avanços tecnológicos.

Já no Brasil, esse cenário é ainda mais desafiador, visto que o país forma cerca de 53 mil profissionais de tecnologia por ano, enquanto a demanda anual ultrapassa 150 mil vagas, segundo dados da Brasscom. Além disso, projeções da McKinsey & Company indicam que essa lacuna pode chegar a um milhão de profissionais até 2030.

Dessa forma, as empresas enfrentam um desafio duplo, pois precisam automatizar processos para ganhar eficiência e compensar a falta de talentos, mas, ao mesmo tempo, não encontram profissionais suficientes para liderar essa transformação. A boa notícia é que as organizações já começam a reconhecer o problema e, ainda segundo o WEF, 49% planejam investir diretamente em programas de requalificação e aprimoramento profissional.

A importância da estratégia

Nesse contexto de escassez, a definição de uma estratégia de IA torna-se fundamental para a construção de uma estrutura organizacional capaz de absorver essa transformação de maneira sustentável. No entanto, relatórios recentes da McKinsey mostram que, embora 92% das empresas pretendam ampliar investimentos em Inteligência Artificial nos próximos anos, apenas 1% se considera madura na implementação dessas soluções.

Isso revela um cenário de adoção acelerada, mas, muitas vezes, desconectada de objetivos claros. Para que a transformação digital seja efetiva, é necessário combinar estratégia, revisão de processos e alinhamento entre tecnologia e objetivos de negócio. Assim, o primeiro passo deve ser entender quais áreas possuem maior potencial de automação e quais competências já existem dentro da organização. Depois, é necessário definir

casos de uso claros, com foco em produtividade, segurança e geração de valor para a operação. É importante, também, que as empresas pensem não apenas em implementar ferramentas, mas em construir modelos sustentáveis de governança, com adaptação contínua.

Capacitação como diferencial diante do avanço tecnológico

Devido ao ágil avanço tecnológico, as empresas que desejam progredir com a transformação digital precisam de programas estruturados de capacitação e requalificação profissional, capazes de preparar equipes para trabalhar ao lado da automação. Treinamentos pontuais já não são suficientes, visto que o desenvolvimento de competências em IA exige acompanhamento contínuo, cultura de inovação e gestão da mudança. Isso inclui desde conscientização executiva até formação técnica, governança e monitoramento de resultados.

Nesse cenário, as empresas que conseguirem transformar aprendizado em estratégia terão uma vantagem relevante nos próximos anos. Afinal, a transformação digital e os avanços tecnológicos não serão responsáveis apenas por mitigar as tarefas repetitivas, poderão mudar a maneira como as organizações desenvolvem talentos, tomam decisões e constroem inovação.

(*) Diretor de Serviços de Nuvem, Data & AI da SoftwareOne, provedora global e líder em soluções de ponta a ponta para softwares e tecnologia de nuvem.



Blue Planet Studi, CANVA

Consórcio ganha espaço entre jovens que planejam fazer intercâmbio

Com planejamento antecipado, a modalidade de crédito sem juros se apresenta como alternativa para custear a experiência internacional e atrai cada vez mais a Geração Z.

A Geração Z tem demonstrado um interesse crescente por experiências internacionais, impulsionada pelo desejo de aprender novos idiomas, ampliar horizontes culturais e conquistar diferenciais para a carreira. O intercâmbio vem se tornando umas dos principais objetivos desse público segundo a Associação Brasileira de Agências de Intercâmbio (Belta). Mais de 365 mil estudantes brasileiros embarcaram para programas no exterior em 2025. Apesar desse cenário promissor, os custos com cursos, passagens aéreas, hospedagem, seguro e documentação ainda representam um dos maiores desafios para transformar esse sonho em realidade. Nesse contexto, o consórcio surge como uma ferramenta de planejamento financeiro para organizar a viagem com antecedência e organização financeira.

O consórcio tem conquistado cada vez mais espaço entre os jovens de 18 a 29 anos, público que compõe a chamada Geração Z. De acordo com dados da Associação Brasileira de Administradoras de Consórcios (ABAC), a participação dessa faixa etária na modalidade cresceu 8,9% no último ano. O avanço reflete uma mudança no comportamento financeiro dos jovens, que têm buscado alternativas para realizar seus projetos de forma planejada, evitando os juros elevados dos financiamentos tradicionais e do crédito parcelado. Nesse cenário, o consórcio se destaca como uma opção de crédito voltada ao planejamento, permitindo a conquista de objetivos de médio e longo prazo, como a realização de um intercâmbio.

O intercâmbio exige planejamento financeiro, já que envolve custos elevados com curso, passagens aéreas, hospedagem, seguro, documentação e outras despesas da experiência no exterior. Nesse cenário, o consórcio pode se tornar um aliado importante para o jovem que deseja se preparar com antecedência. A carta de crédito permite organizar os gastos de forma planejada, sem recorrer aos juros dos financiamentos tradicionais. Em vez de assumir dívidas com taxas elevadas, o estudante pode investir em parcelas mensais mais previsíveis, mantendo o orçamento sob controle e ganhando mais segurança para realizar o sonho de estudar fora do país.

“O intercâmbio é um objetivo que exige organização financeira e planejamento de longo prazo. O consórcio atende justamente esse perfil, pois permite que o jovem se prepare para uma conquista futura sem recorrer a linhas de crédito com juros elevados. Ao ser contemplado, ele pode utilizar a carta de crédito para custear despesas relacionadas ao intercâmbio, como cursos, hospedagem e outros custos previstos nas regras da modalidade, tornando esse projeto mais viável e financeiramente sustentável,” revela Guilherme Lamounier, gerente nacional de vendas da Multimarcas Consórcios.

Realizar um intercâmbio vai muito além de escolher o destino ou o curso ideal. Para transformar esse projeto em realidade, o planejamento financeiro é tão importante quanto a definição dos objetivos da viagem. Quanto mais cedo esse processo começa, maiores são as chances de aproveitar boas oportunidades, organizar os custos com tranquilidade e embarcar com mais segurança. Embora o investimento seja um dos principais desafios, uma preparação financeira consistente permite que o estudante concentre seus esforços no que realmente importa: aproveitar ao máximo a experiência internacional e o crescimento pessoal e profissional que ela proporciona.